



Boletim

**Escola Brasileira
de Psicanálise**
Seção Rio de Janeiro

Instituto de
Clínica Psicanalítica do
Rio de Janeiro **ICP**

Boletim Eletrônico da EBP Rio e ICP RJ

Nº 04 - JUNHO/2023 - Biênio 2023-2025

Editorial

Por Maria Inês Lamy

Os acontecimentos de maio ainda ressoam...

O Seminário Clínico e o "Política da psicanálise", momentos de ensino e debate, mereceram comentários cuidadosos que testemunham o trabalho vivo provocado por aqueles encontros. Agradecemos a Rodrigo Pedalini Borges Pires e a Maria Cristina Lutterbach por compartilharem suas elaborações.

Os acontecimentos de maio ainda ressoam...

Na Espanha, a resposta corajosa de um jogador de futebol contra manifestações racistas escancarou para o mundo o horror do racismo e provocou consequências. Esse episódio deu-se logo antes da atividade da Biblioteca "Tornar-se negro: novas leituras", comprovando que os temas da segregação e do racismo são atuais e merecem atenção. A discussão do livro da saudosa Neusa Santos Souza, ocorrida em 27 de maio, foi um momento de emoção e trabalho, que incluiu testemunhos de amigos, apresentação de textos e muito debate. Questões importantes surgiram, fazendo avançar a complexa articulação da psicanálise com os temas do racismo e da negritude. Sob orientação de Ondina Machado, a organização (impecável) do evento ficou a cargo de Miguel Lacerda, Aspazia Barcellos e Camila Ventura Kerdrel, em parceria com os demais participantes da comissão da Biblioteca. Miguel Lacerda comenta essa atividade pulsante, que certamente deixará marcas.

O que vem por aí...

A Jornada de Cartéis vai acontecer no sábado 12 de agosto. Foi definido o dia 04 de julho como prazo final de envio de trabalhos. Convidamos os cartelizantes (participantes e mais-uns) a escreverem trabalhos. A Jornada se dará na sede da Seção Rio e contará com a presença de Marilsa Basso, diretora de Cartéis da EBP. Vamos?

As atividades da EBP/ Seção Rio de Janeiro têm sido animadas e produtivas.

Continuemos...





CONVIDADA:
MARILSA BASSO
Membro EBP/AMP
Diretora de Cartéis e Intercâmbios da EBP

Envie seu trabalho até
4/07/2023
E-mail: carteisebrj@gmail.com
Limite de caracteres:
6000 (sem espaço)

12 DE AGOSTO - 9H

EVENTO PRESENCIAL
LOCAL: RUA CAPISTRANO
DE ABREU 14 - Botafogo

PARTICIPE!

 Escola Brasileira
de Psicanálise
Seção Rio de Janeiro

Uma Ressonância de dois Seminários Clínicos: onde está o X da interpretação?

(comentário sobre o Seminário Clínico coordenado por Angélica Bastos e Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros)

Por Rodrigo Pedalini Borges Pires

O significante “corte-acolhimento” protagonizou o primeiro Seminário Clínico da Seção Rio, em abril. Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros lançou-nos essa palavra composta ao comentar um caso em que o corte operado teve efeito de acolhimento. Simples assim.

Pensar que o ato analítico tem um efeito que não pode ser previsto e incluindo entre os atos analíticos o corte, pelo sentido comum mesmo da palavra, fizeram com que eu puxasse a discussão para um campo que é o meu, de origem: o da medicina.

Na medicina, um sintoma tratável cirurgicamente só pode ser acessado, só se pode ter acesso a ele, por um corte. Um corte que é sempre uma abertura: ao tumor, à massa, ao abscesso ou a qualquer sintoma médico desses. Só que, nesse campo, sempre podemos saber, com grau relativamente alto de precisão, onde está esse sintoma. A palpação do exame clínico muitas vezes basta mas, na imensa maioria das vezes, um exame de imagem é solicitado para que se saiba (quase) exatamente onde está o sintoma. Uma Tomografia Computadorizada, uma Ressonância Magnética. Para que o corte seja preciso (que ele seja necessário, isso já é suposto saber-se), o cirurgião precisa acertar o alvo, atingir o ponto. Nos grandes centros de cirurgia ortopédica, por exemplo, para que não se opere a perna ou o braço “errados”, como já aconteceu inúmeras vezes, marca-se com um grande “X” o membro a ser operado.

Mas e quanto ao corte como ato analítico? Ele é todo sem imagem? Não-todo sem imagem? Todo não-sem imagem? Trata-se de pura intuição do analista ou haveria algo no dito do analisando que identifica que ali deve-se cortar, para abrir? Qual é o “exame de imagem” do analista? Como é marcado o “X” da interpretação?

Antes que eu passe para o segundo Seminário Clínico, ocorrido em 15 de maio, que vai ajudar a elaborar a questão e talvez de certa forma respondê-la, gostaria de deixar como hipótese do que acontece quando um corte em análise faz um efeito, uma passagem do livro 20 do Seminário de J. Lacan¹: “Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes”. Estaria em jogo numa análise, sob o amor de transferência, um saber do lado do analista sobre o sintoma do analisando, de modo que a incisão se faça mais ou menos de forma precisa?

O caso apresentado por Ana Claudia Jordão, no segundo e último Seminário Clínico, proporcionou a elaboração

(ou, trazendo de novo para o campo da medicina, trouxe o segundo "ato cirúrgico") do primeiro Seminário Clínico. Com tantos cortes, aberturas e fechamentos, não parece tão absurdo discutir o que se passou nesses dois Seminários a partir da medicina.

Se Rosário faz uma primeira incisão, com seu corte com efeito de acolhimento, Ana Cláudia lembra que ali onde se abre, havia antes um fechamento, e traz para a psicanálise a dimensão da sutura. Um nome, um diagnóstico desses de CID, suturava um sintoma, bloqueando o acesso a ele, e portanto ao inconsciente. Ela não recua, no entanto, e faz a retirada dos quatro pontos da sutura: um para cada sílaba do diagnóstico que a paciente havia recebido, ou ainda F34 ou F48 pontos, como prefere a OMS.

Se o analista não pode contar com exames de imagem, pode contar com a palavra; a que escuta e a que diz, em ato. A palavra corte e a palavra linha de sutura. E são essas as palavras que contam, no fim das contas.

¹ Lacan, J. *O seminário, livro 20: mais ainda* (1972-73). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2008, p. 155.

Comentário sobre o seminário "A política da psicanálise", coordenado por Cristina Duba e Paulo Vidal

Por Maria Cristina Lutterbach

O segundo encontro do seminário "A política da psicanálise" contou com a brilhante palestra do professor Michel Gherman, professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, convidado a conversar sobre o tema da negação e do negacionismo histórico contemporâneo.

Trago alguns recortes da palestra e do debate com os participantes.

Paulo Vidal e Cristina Duba abriram o encontro com referências fundamentais sobre a política da psicanálise e sobre a importância do conceito de negação em Freud e Lacan, para diferenciá-la do negacionismo. Paulo Vidal afirmou que a política da psicanálise diz respeito às próprias condições de possibilidade da ação analítica. É uma política que tem por condição evidente a democracia. E Cristina Duba destacou que, do ponto de vista da psicanálise, a relação entre a negação e o negacionismo é uma relação que não iguala os termos, absolutamente. Numa primeira perspectiva, a negação é o princípio da constituição do eu, na medida em que o eu introjeta aquilo que lhe é agradável, faz equivaler a si, assimila-o, ao mesmo tempo que rejeita o insuportável, considera-o fora. A expulsão do que nos é estranho não é absoluta, deixa um resto ineliminável, um gozo estranho que resta em cada um. "É nesse movimento de eliminar o gozo estranho, o resto do outro em nós, de torná-lo inumano, que reconhecemos a raiz e o campo da segregação."

Os coordenadores do seminário afirmaram o interesse da psicanálise em conversar com outras teorias, com outros autores, da literatura, das ciências sociais, entre outros, para que o analista não se enclausure no próprio discurso. Em especial neste encontro, para tentar localizar nosso interesse pelas formulações sobre o negacionismo e sua apropriação política que Michel Gherman trabalha.

Recorto alguns trechos da fala de Michel Gherman que, da perspectiva do historiador, esclarecem o que é o negacionismo e sua articulação com o nazismo e com o racismo contemporâneos:

"O negacionismo moderno, dos anos setenta, é descendente direto do negacionismo do holocausto e do antissemitismo do pós-Segunda Guerra Mundial." Ou seja, a ideia de que os judeus e outros grupos considerados fortes pudessem dominar o mundo e ao mesmo tempo serem as maiores vítimas do mundo porque inventaram a própria vitimização. Portanto, o ódio aos fortes, aos que resistem e que devem ser perseguidos por dominarem o outro.

"A estratégia importantíssima do negacionismo do século XXI muda seu foco: não mais as vítimas do holocausto, mas uma gramática sobre a dimensão conspiratória dos grupos que querem dominar o mundo pela abstração – os intelectuais de esquerda e aqueles "vagabundos" que dominam as cidades e fazem os governos investirem neles." É preciso, então, recuperar o mundo da concretude, o mundo dos tradicionalistas e

conservadores. A partir da perspectiva de uma referência conspiracionista dos negacionistas do século XXI, promove-se aquilo que o nazismo é, ou seja, a ideia de uma estrutura gramática, de compreensão do mundo a partir do ódio e da destruição.

“Não há ideologia nazista ou ideologia coerente no nazismo, segundo Adorno e Walter Benjamin, há sentimento de destruição. O que há no nazismo é o que Achille Mbembe chama de uma política suicidária e homicidária. O nazismo promove o ódio em grupo; o nazismo supõe edificante a destruição. Então, buscar coerência nos atrapalha a combater.”

Na abertura do debate, Cristina Duba e Angela Bernardes falaram sobre a captura dos sujeitos por esse modo negacionista de ver o mundo, pela gramática nazista, que remete a indagar o que captura a partir desse lugar de resto; e sobre como entender essa adesão às teorias negacionistas que se baseiam na teoria conspiratória que, de alguma maneira, dá um lugar de expressão, de pertencimento aos grupos midiáticos, para o sujeito que adere a essa teoria.

Paulo Vidal falou das paixões que têm tanto impacto na modernidade: “a paixão do ódio dá um ser – quem odeia é -, odiar é destruir o ser do outro mas ao mesmo tempo dá uma certeza...”

Romildo do Rêgo Barros apontou o avanço sobre a ideia de negacionismo que Michel Gherman traz. No seu entendimento “o negacionismo por si mesmo é uma estratégia política. O negacionismo é um positivismo, é afirmar o não. Ele só alcança sua lógica se ele tem na sua ponta a destruição. Não é que seja necessário que haja uma adesão a um estatuto fascista, mas que tenha um certo apetite, um gozo próprio da destruição; não é só dizer que isso não existiu.”

Por fim, Michel Gherman apontou “um elemento fundamental no fascismo e no nazismo: o ressentimento. O ressentimento como projeto de passado, a possibilidade de produzir aquilo que perdemos. O ressentimento é um projeto nazista, de aceleração para trás. O que o nazismo propõe hoje é o resgate da suposta harmonia do passado porque no passado a gente sabia o que a gente era e assim é possível voltar a ser quem éramos.”

A partir do que foi trabalhado neste seminário e da perspectiva da psicanálise, nossa questão é como lidar com essa realidade dos negacionistas contemporâneos.

Comentário sobre o evento da Diretoria de Biblioteca “Tornar-se Negro: novas leituras”

Por Miguel Lacerda Neto

“Tornar-se negro: novas leituras” foi um Evento, e isso tomando as muitas acepções que o léxico linguístico nos possibilita. Foi uma festa na medida em que as falas se desenrolavam ilustradas com as memórias daquelas que conviveram com Neusa Santos Souza. O que nos possibilitava, mais do que uma homenagem, um certo direito à memória, um registro antes de tudo marcado pela beleza de terem podido dividir o mesmo tempo e espaço. Falávamos da Neusa antes da História, a Neusa do dançar, dos estudos sobre psicose, das amizades, do compromisso com a ética psicanalítica, a Neusa articulada ao movimento negro, a Neusa do olhar de quem só pôde ser Neusa.

Foi também um Evento no sentido da solenidade, o que significa para muitos perceber os movimentos que o campo psicanalítico tem feito para “conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”¹. E, assim, foi enfático. O evento fez ver e falar a partir do livro uma multiplicidade de lugares, o que fez do momento um imperativo do falar, mas também da escuta. O que não foi somente êxito da metodologia do encontro em trazer para a conversa vozes que poderiam dizer de enunciados variados, mas também de enunciações singulares. Havia um compromisso em colocar-se em jogo, em construir conjunto ainda que de lugares diferentes.

Mas, talvez, e isso saberemos a posteriori, o evento foi um acontecimento. Um compromisso com a ética do bem dizer. Do efeito da palavra, como diz Lacan em “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” em 1959. No sentido de não esquecer quando é necessário apontar e corrigir, mas sobretudo não deixar que a

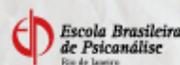
1956. No sentido de não recuarmos quando é necessário apontar o equívoco, mas sabermos que, ainda que a psicanálise tenha limites, a palavra foge, faz limiães, aponta direções que não são nada mais do que um convite ao falante.

¹ Lacan, J. "Função e campo da fala e da linguagem". Em: *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998, p. 322

CALENDÁRIO

EBP Rio

2023.1



MAR | 01.03 Transmissão da Apresentação do XI ENAPOL na Seção Rio
06.03 Assembleia Geral Ordinária da EBP Rio de Janeiro
20.03 Conversação dos membros da EBP/AMP e aderentes da Seção Rio de Janeiro

ABR | 03.04 Seminário de Orientação Lacaniana (atividade restrita aos membros)
10.04 Seminário Clínico
17.04 Seminário Política da Psicanálise

MAI | 04.05 Procura-se cartel
08.05 Seminário de Orientação Lacaniana (atividade restrita aos membros)
15.05 Seminário Clínico
22.05 Seminário Política da Psicanálise
27.05 Tornar-se negro: novas leituras

JUN | 05.06 Seminário de Orientação Lacaniana (atividade restrita aos membros)
12.06 Seminário Clínico
17.06 Primeira Atividade Preparatória rumo ao XI ENAPOL
19.06 Seminário Política da Psicanálise

 <http://www.ebp.org.br/rj/>

 <https://www.facebook.com/EBP-Rio-454422921234687/>

 <https://www.instagram.com/ebpriodejaneiro/>

 <http://www.ebp.org.br/rj/blog>

Comissão de divulgação, mídias e audiovisual da Seção Rio: João Luiz Nogueira da Fonseca (coordenador), Alberto Pérez, Joana Landim Rocha, Laís Vasconcelos Rangel, Larissa Pinto Martha, Marina Morena Torres, Marina Sodré.



ANDAMENTO DO ICP

Diretoria renovada

É com prazer que comunicamos aos alunos, associados e participantes do ICP-RJ, que no último dia 19 de maio, esta diretoria foi reeleita em Assembléia Geral Ordinária, para um mandato de mais dois anos. Somos gratos pela confiança!

Gostaria de agradecer à Leonardo Miranda, que nos acompanhou nos últimos dois anos na Coordenação de Mídias e Publicações, à Paula Legey por ter aceitado assumir esta função nesse novo ciclo. Às colegas Angela Bernardes, Isabel do Rêgo Barros Duarte e Maria Sílvia Hanna, e às suas respectivas comissões, pelo trabalho intenso e parceiro na Diretoria.

Agradeço, especialmente, ao Conselho do ICP-RJ pela prontidão, sensibilidade e orientação com que acolheu nossas questões e propostas. E às Diretorias da EBP-Rio, a passada e a atual, através de suas diretoras, respectivamente Ruth Cohen e Inês Lamy, pelo trabalho solidário e respeitoso.

Agradeço aos alunos, pelo estímulo com sua presença, seu trabalho, pelas críticas construtivas e pelas questões que nos instigam. Agradeço especialmente, pela paciência com os possíveis transtornos provocados pela nossa instalação nesta casa e pelos tropeços com o uso das tecnologias que estão nos permitindo retornar ao presencial, mantendo uma conexão com os que estão impossibilitados de estarem presentes.

-Iniciamos nosso ano letivo com uma aula inaugural que por caminhos contingentes, uniu o início de nosso trabalho epistêmico, com o lançamento do ENAPOL deste ano, através do tema *Início da Análise*. Parece-nos (ainda sem uma verificação numérica), que o tema atraiu nossos alunos para sua participação nesta importante atividade do Campo Freudiano.

-Ainda que chamadas em nome próprio, a participação de nossas colegas de diretoria do ICP, Angela Bernardes, Maria Sílvia Hanna e Paula Legey, na Comissão Científica das Jornadas de 2023, certamente imprimirá um estímulo a mais para o engajamento do ICP na realização das Jornadas da EBP-Rio e do ICP-RJ, deste ano. Já está prevista a participação do ICP dando cursos sobre o tema das Jornadas.

- As Conferências que o ICP vem realizando sobre o tema das Referências de Lacan têm sido um sucesso epistêmico e de público. Agradeço muito à Heloisa Caldas e Angélica Bastos que fizeram as duas primeiras, e antecipadamente a Marcus André Vieira que fará a de junho. Já estão sendo preparadas as Conferências do próximo semestre.

- Já antecipo que a Conversação que o ICP realizou no ano passado em maio, sobre o Ensino no Instituto, bem como as Conferências deste ano, devem ser publicadas em livro, ainda nesta gestão.

- Agora uma novidade importante: a Diretoria do ICP, junto com as duas últimas diretoras do Instituto, Paula Borsoi e Maria do Rosario Collier do Rêgo Barros, vêm trabalhando com vistas a criar um novo espaço no ICP, um espaço de Discussão sobre a construção de uma Clínica do ICP-RJ. Importante destacar que este projeto já vem de várias diretorias anteriores a esta, mas por razões diversas, não pode ser implementado até o momento. O centro desta proposta é que esta não seja uma clínica social ou em substituição aos serviços que o Estado deve oferecer, mas sim uma clínica que sirva à **pesquisa da psicanálise no Instituto**. Esse projeto está apenas esboçado. Os colegas que se interessarem em construí-lo conosco serão convocados em breve. Tudo está em aberto...

Finalmente, gostaria de lembrar que, em 98, Miller ao expor sua *Tese sobre os Institutos* afirmou que estes foram propostos com o mesmo intuito que teria levado Lacan em 76 a renovar o Departamento de Psicanálise de Paris VIII, isto é, para que este pudesse ser "o agulhão de sua Escola". E por que precisar de um agulhão? Cito-o: "Porque o discurso analítico tende a se autodestruir. O saber suposto, que sustenta a psicanálise, também a corrói..." Esse saber suposto, que se produz na solidão daqueles que compõe a Escola e que realizam ali sua formação, precisa ser provocado, estimulado, pelos impasses e dificuldades em sua aplicação. Nossa proposta para essa segunda gestão do Instituto é seguir aprendendo, especialmente a partir do saber da clínica e dos jovens, para manter a psicanálise viva na cidade e no tempo.

CICLO DE CONFERÊNCIAS

A última conferência do ciclo desse semestre conta com a presença de Marcus André Vieira, que falará sobre o tema: Nossos Ancestrais entre o Zero, O Um e o Múltiplo. A data foi modificada, o novo dia será 16 de junho, no horário de 18:00h. Mais informações no cartaz abaixo.

CICLO DE CONFERÊNCIAS SOBRE REFERÊNCIAS LACANIANAS

NOSSOS ANCESTRAIS, ENTRE O ZERO, O UM E O MÚLTIPLO

POR: MARCUS ANDRÉ VIEIRA



Divisor: Performance de Lygia Pape, 1968

Coordenação: Andrea Vilanova

As inscrições serão efetivadas mediante envio de comprovante de pagamento para icprio@icprio.com.br

Inscrições até dia 16 às 12h.

Chave pix CNPJ: 05.420.670/0001-80

Valor de contribuição: R\$ 50,00

Alunos do Ciclo Fundamental: R\$ 25,00

As conferências serão realizadas via plataforma zoom.

16 de junho, às 18h



O CIEN-RJ

No último dia 2 de maio, O CIEN Rio contou com a presença da Dra Patrícia Félix - advogada especialista em direito da criança e adolescente, membra da Comissão de Direitos Humanos e Assistência jurídica da OABBR e Conselheira Tutelar -para nossa Conversação mensal. Estiveram presentes representantes dos laboratórios do CIEN RIO, assim como convidados da educação, saúde, cultura. A conversação se deu em torno das questões sobre localizar e visibilizar crianças e adolescentes no discurso daqueles que se ocupam delas, num contexto institucional e fora dele. Para isso, seguimos com as nossas inquietações em localizar: onde estão as crianças e adolescentes? Não os vemos mais nas ruas, poucos nas praças, cada vez menos nas instituições...

Mirta Fernandes e Vilma Dias

Coordenação Cien-RJ

Créditos:

Comissão de Publicação e divulgação: Ana Cecília Boal C. Gomes, Caroline da Rocha Noél, Gustavo Corinto da Silva, Luiza Sarrat Ranael Maira Rossi, Paula Leav (coordenação).

<http://www.icprj.com.br>

<https://www.icprj.com.br/blog>

<https://www.facebook.com/institutodeclinicapsicanaliticarj>

https://www.instagram.com/icprio_ebp/

